

GRUPOS DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO, PRÁTICA DE CAMPO E ANÁLISE DA PAISAGEM COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

(Groups of research and experimentation, field practice and analysis of landscape as a methodological approach to basic education)

RESUMO

O presente trabalho traz como proposta a formação de grupo de pesquisa e experimentação, valorizando a atividade prática de campo no ensino de Geografia na educação básica. O tema vem ao encontro das crescentes demandas educacionais que sugerem alternativas interdisciplinares como resposta ao educando que se espera no século XXI, o educando da era informacional, àquele que busca na escola possibilidade de aprendizado a partir da prática. A análise pelo viés sistêmico se propõe como suporte às novas propostas de percepção da paisagem por parte de educandos e educadores.

Palavras-chave: Grupo de pesquisa; Análise da paisagem; Prática de campo; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The present work has as proposal to form a group of research and experimentation, valuing the activity field practice in the teaching of geography in basic education. The theme comes to meet the growing demands interdisciplinary education that suggest alternatives in response to the student what is expected in the XXI century, the student's information age, those who look at the school the possibility of learning from practice. The analysis by systemic bias is proposed as new proposals to support landscape perception by students and educators.

Keywords: Research group; Landscape analysis; Field practice; The teaching of Geography.

Renato Pereira

Mestrando do Programa de Pós-graduação
em Geografia da Universidade Estadual de
Ponta Grossa (UEPG)
Rua João Kubinski, 240,
CEP 84073-040 - Ponta Grossa (PR) – Brasil
Tel: (+55 42) 8403-2714
pgeographo@gmail.com

INTRODUÇÃO

A realidade enfrentada pelos educadores, a necessidade em tornar práticas pedagógicas direcionadas ao contexto e à identidade dos educandos, bem como a dificuldade no uso de metodologias que propiciem ao educando melhor significação de seu espaço-tempo vivido na escola é que agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem se debruçam sobre a *práxis*.

A expressiva presença de jovens com mais de quatorze anos no ensino fundamental demanda a criação de condições próprias para a aprendizagem, adequadas à maneira de usar o próprio espaço-tempo, os recursos didáticos disponíveis e às peculiaridades da juventude. O que se busca é valorizar o percurso escolar de cada educando, permitindo que permaneçam na escola o tempo necessário para que atinjam a integralidade da aprendizagem.

Os anos que correspondem às séries finais do ensino fundamental representam para o educando, além de mudança física corporal, evolução psicológica e do seu modo de ver/estar no mundo. O que se pretende é atingir a universalização do ensino, contando com a responsabilidade do educador e do educando, da família e da comunidade educativa, considerando a indissociabilidade entre acesso, permanência e qualidade no ensino.

Entende-se que não são os recursos materiais empregados na prática que melhor significam o papel do educador, mas seus objetivos pedagógicos, sua abordagem e seu modo de ver/estar no mundo é que definem quão significativas são as experiências vividas por si mesmo e por seus educandos no processo de ensino-aprendizagem.

É preciso compreender o ensino no mundo/espaço atual, buscando recuperar o conceito/efetividade da interdisciplinaridade. O que se busca é realizar um ensino de boa qualidade, sinônimo de atuação competente por parte de educador e educandos.

Sendo assim, definem-se como desafios desse tempo:

- i) articulação estreita entre saberes e competências;
- ii) necessidade de um trabalho interdisciplinar;
- iii) afeto no espaço pedagógico.

É preciso ressaltar o caráter subjetivo e crítico de educador e educandos, afinal, valoriza-se neste aspecto a produção do conhecimento, despertando o interesse pelo novo, aguçando a curiosidade e a vontade por pesquisar e aprender.

Sendo assim, nesse território permeado por relações de poder que se opõem/impõe/expõe e ao mesmo tempo coadunam forças, intrínsecas a cada indivíduo e/ou a coletividade (educador-educando, educandos entre si, educadores e seu pares, direção, sistema educacional), numa teia que não se explica por seus pontos isolados nem tampouco em seus nós, mas pela sua totalidade subjetiva, rizomática, organizacional, autoexplicativa, intermitente, porém, contínua, é que se faz importante novo olhar sobre a prática pedagógica e os elementos que fazem dela processo contínuo de experimentações, não no sentido de testar novas fórmulas, mas pela necessidade de romper com barreiras teóricas, arquitetônicas, materiais, físicas, ideológicas.

GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO COMO PROPOSTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A formação de um grupo de pesquisa e experimentação, destinado ao estudo de fenômenos locais, regionais e mundiais, privilegia o olhar crítico e a vivência de

educandos e do educador, o gosto pelo estudo e pesquisa e a valorização dos *espaçotempos* da escola. A materialização da proposta se dá por meio de atividades de pesquisa, atividades de campo, diário de bordo e produção e apresentação de vivências.

Valoriza-se neste aspecto um paradigma educacional que possibilite a interdisciplinaridade, a cooperação, a participação e o diálogo numa perspectiva crítica e emancipatória, permitindo que os educandos sejam privilegiados com as mais diversas metodologias/tecnologias de ensino. O trabalho por projetos permite que o educador utilize vários materiais e linguagens em sua prática pedagógica.

Também tem o intuito de viabilizar pesquisas, desde a escolha de temas, preparação e orientação, análise de dados e problematização, escrita de textos, contemplando várias áreas do conhecimento, pelo viés interdisciplinar.

Como proposta, objetiva-se a criação de grupo de estudos, pesquisa e experimentação, destinado ao estudo de fenômenos locais, regionais e mundiais, privilegiando o olhar crítico e a vivência de educandos e educador, o gosto pelo estudo e pesquisa e a valorização dos *espaçotempos* da escola. Também tem a intenção de:

- a) constituir um grupo que realize estudos e pesquisas interdisciplinares, valorizando o local em que se vive;
- b) realizar estudos e pesquisas interdisciplinares, valorizando o local em que se vive;
- c) instigar os educandos a buscar experiências que signifiquem sua permanência no processo educativo formal;
- d) contribuir com os educandos em metodologias para produção de trabalhos individuais e em grupo;
- e) publicação de vivências.

Com a ideia de (re)construção permanente e privilegiando a participação integral do educando e considerando-o protagonista na interação com os agentes envolvidos no processo educativo, objetiva-se, também, despertar o interesse pela pesquisa/investigação e posterior produção, além de propiciar que o educando se expresse, valorizando sua experiência vivida, para que se amplie sua visão de mundo.

ENSINO DE GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

A percepção da paisagem é bastante particular e variada. No ensino da Geografia, sugere-se que essa temática deva partir do olhar subjetivo do educando junto a seu espaço vivido, sentido e/ou percebido, pois cada indivíduo possui sua história de vida com predisposições que direcionam seu olhar para detalhes que irão ao encontro de sua própria forma de pensar e/ou agir, assim, o resultado em forma de textos escritos, fotografias, filmes, diálogos, será sua compreensão de mundo impresso na paisagem. O conjunto desses fatores possibilita sua própria percepção da Geografia ao estudar a interação dos agentes que compõe o espaço geográfico.

Ao considerar a paisagem como um conceito importante da ciência geográfica, este trabalho pretende sugerir proposta metodológica a ser aplicada por professores em atividades práticas de campo no ensino de Geografia. Antes, porém, para compreender o conceito, necessário se faz resgatar sua evolução enquanto categoria de análise, bem como suas modificações teórico-conceituais.

Acredita-se que o termo paisagem tenha origem do latim *pagus*, utilizado na Idade Média para designar um determinado lugar. Atualmente o conceito traz a ideia de um espaço ou extensão territorial que pode ser abrangida em um lance de vista. A paisagem

também pode ser considerada um objeto cultural, quando a sociedade idealiza sua relação com a natureza dentro de um território (PASSOS, 2003).

Quando se estuda a evolução dos conceitos-chave da Geografia como o espaço geográfico, o território, a paisagem, a região e o lugar, percebe-se a própria dinâmica da ciência, que reflete o caminhar da sociedade enquanto produtora de exclusão na sociedade hodierna.

Pode-se dizer que a apropriação do espaço pelo homem comporta-se de maneira diferenciada de acordo com sua história, técnicas disponíveis, cultura e ideologias. Primeiramente o homem utilizava-se do que dispunha para a sua própria sobrevivência já que as modificações exercidas no meio eram de pouca intensidade. Sua influência aparecia na diminuição ou proliferação de algumas espécies e suas atividades se resumiam a práticas de caça, pesca e coleta.

Quando o ser humano passa a ser sedentário e a dominar a prática do pastoreio e da agricultura, a utilização do espaço se modifica. Ocorre uma concentração de rebanhos e monoculturas, o que proporciona a transformação de uma paisagem nativa para uma paisagem antrópica. Com isso, o homem se percebe enquanto agente da natureza e passa a relacionar períodos, tipos de solo, clima e vegetação mais adequados para o desenvolvimento de suas atividades (TRICART, 1977).

Mais tarde, durante o período caracterizado pelas grandes navegações, o homem passou a se relacionar em escala macro, norteador pela busca de novos espaços. As preocupações eram descrever ao máximo as características de cada “novo mundo” conquistado. Essas descrições geográficas permitiram a elaboração de representações em forma de mapas e croquis, com novas interpretações sobre características existentes entre esses lugares. Assim, surgem as primeiras aplicações taxonômicas para a descrição da paisagem, com o esforço de se classificar os elementos de interesse existentes de acordo com um fator natural dominante, a exemplo das zonas climáticas e biogeográficas (BERTRAND, 1971). Essas interpretações acabaram por influenciar o pensamento geográfico da época, passando a incorporar estudos de climatologia, geomorfologia, geologia.

Motivado pelas transformações ocorridas na sociedade e na ciência, tanto o pensamento geográfico quanto o conceito de paisagem passa pela integração de fatores bióticos e abióticos para sua aplicação e análise. O termo ecossistema surge dessa premissa, já que reflete a relação dos seres com o meio ambiente (TRICART, 1977).

Outro período de intensos debates a respeito da evolução da ciência foi durante e após a revolução industrial europeia, quando houve a necessidade da elaboração de novas metodologias de estudo onde incluíssem o homem e a natureza em um complexo de constantes transformações. Era um momento marcante na história da humanidade, com todas as transformações ocorridas no trabalho humano, exigindo da ciência geográfica discussão e revisão de vários de seus conceitos-chave (PASSOS, 2003).

Nesse âmbito surgem novas teorias e aplicações para o conceito, a teoria geossistêmica, postulada por Sotchava, possibilita uma visão mais holística da paisagem. Segundo essa teoria, devem ser estudados não somente os componentes da natureza isoladamente, mas suas conexões, não se restringindo às formas e divisões, mas projetando-se o olhar para sua dinâmica e conexões. Desse modo, os geossistemas implicam em uma estruturação da paisagem tanto na dimensão lateral quanto na dimensão vertical, ultrapassando a visão ecossistêmica. As questões homem-natureza e a inclusão temporal também estiveram presentes nas conceitualizações da teoria geossistêmica.

Na proposta de Sotchava (1960 apud BERTRAND, 1978) o geossistema é definido como “... um sistema geográfico natural homogêneo associado a um território,

caracterizando-se por morfologias e estruturas espaciais verticais e horizontais”. O geossistema, de acordo com Bolós (1992) é um modelo teórico de paisagem, correspondendo à aplicação do conceito sistema à concepção sistêmica da paisagem.

Podem ser considerados condicionantes na constituição da paisagem a posição da Terra em relação ao Sol, a inclinação do eixo terrestre, as placas tectônicas, o clima, os diferentes tipos de rocha, o solo, a fauna, a flora, a ação antrópica. Sendo assim, no plano prático, é possível estudar a dinâmica da paisagem englobando holisticamente esses elementos?

PRÁTICA DE CAMPO: ABORDAGEM METODOLÓGICA

Justen e Carneiro (2009) classificam as atividades práticas de campo considerando seu papel didático em cinco modalidades: motivadora, treinadora, ilustrativa, indutiva e investigativa.

A *motivadora* desperta o interesse e a curiosidade para determinado problema, valorizando a vivência que o educando possui já a *treinadora* objetiva o desenvolvimento de habilidades, geralmente com o uso de instrumentos e aparatos científicos, exigindo conhecimentos prévios do educando. A *ilustrativa* serve para reforçar ou mostrar os conteúdos estudados em sala, sendo considerada a mais tradicional de todas, reafirmando o conhecimento como produto acabado e centrado no professor. Nesse caso o educando é um expectador, devendo o professor definir o ritmo das atividades e indicar o quê deve ser observado no campo.

Quando o professor conduz o educando ou faz com que siga um roteiro pré-determinado, fazendo com que resolva um dado problema, na direção que o professor desejar a prática passa a ser *indutiva*. Na *investigativa* o educando parte para a resolução de problemas no campo com a elaboração de hipóteses. É o educando quem decide os passos e procedimentos para sua investigação, solicitando a intervenção do professor quando necessário.

Segundo Scortegagna e Negrão (2005), as práticas de campo podem ser *autônomas*, quando o educando vai ao campo sem a presença do professor. Porém, nesse caso, é preciso que haja a parceria do professor na organização de alguns procedimentos pré-campo, já que o educando traz suas anotações, amostras, imagens, que serão trabalhadas em sala de aula.

Ao pesquisar através da prática o educando se permite buscar respostas e responder perguntas. Suertegaray (2002, p. 93) é enfática ao afirmar que “respondemos a perguntas que nos instigam. Buscamos respostas para as nossas dúvidas em relação ao mundo e a nós neste mundo. O processo de pesquisa/investigação é, também, um processo de autoconhecimento, ou seja, o reconhecimento de nós no mundo.” A resposta está no fenômeno e, neste caso, o fenômeno é entendido como algo que está fora, algo externo ao sujeito, visível, perceptível por ele (SUERTEGARAY, 2002).

Para a atividade indicada a seguir, sugere-se o método fenomenológico. Esta atividade pode se expressar com “diferentes leituras do mundo” (FREIRE, 1988). É o lugar do olhar do outro.

Quadro 1 – Sugestão de procedimento metodológico

Primeira etapa: treinando o olhar para a análise da paisagem. Momento instigante, onde se testará a pertinência da proposta.

- a) Indicar o ponto de partida, o destino e o trajeto a ser percorrido pela turma e elaborar um mapa com a definição do recorte espacial a ser abordado (ver Cartograma 1);

- b) Dividir os educandos em grupos de no máximo quatro componentes e solicitar que realizem não só o estudo do local a ser visitado, mas também de todo o trajeto. Poderão utilizar livros, revistas e a Internet, entre outras fontes de pesquisa;
- c) Solicitar aos grupos que realizem apresentação prévia, utilizando-se da subjetividade na análise. Como vários educandos podem desconhecem o roteiro, solicitar que utilizem além de texto escrito, fotografias e filmes;

Segunda etapa: da atividade prática à subjetividade no olhar. Esta etapa, apesar de ser assim proposta, não significa que esgota a abordagem, pois como em qualquer situação, o imprevisto e a criatividade fazem parte do processo tanto de ensino quanto de aprendizagem.

- a) Durante o trajeto, os educandos deverão realizar o registro através de fotografias, filmes e anotações, sempre observando aspectos de relevo, fauna, flora, influência antrópica, etc;
- b) Ao chegar ao destino, além de observar os mais variados lugares (monumentos, arquiteturas, praças, parques, etc), os educandos deverão realizar entrevistas com nativos e residentes para que possam entender a dinâmica local. Efetuar-se-á registro através de fotografias e/ou filmes dos diversos locais visitados.

Terceira etapa: do olhar ao relato, da simplicidade na observação à multiplicidade de informações. Não é a última etapa, pois o professor deve considerar o campo do conhecimento uma eterna pesquisa.

- a) Considerando que cada indivíduo possui sua subjetividade, os grupos deverão sistematizar o projeto na forma de relatório a ser apresentado para a turma na forma de slides, fotografias, cartolinas, filmes, maquetes, croquis etc. (sugere-se que após a apresentação para a própria turma, se realize um evento para o colégio ou se exponha o resultado em um mural para valorizar o trabalho do educando-pesquisador);
- b) O relatório na forma impressa também deverá ser valorizado, pois permite que o professor analise o que foi compreendido pelo educando. É importante a adoção de normas para o relatório impresso. O professor poderá utilizar de maneira mais didática e menos rigorosa a NBR14724 para elaboração de trabalhos. Sugere-se a seguinte estrutura: capa, introdução, desenvolvimento do conteúdo, considerações finais, referências, apêndices (fotografias e diário de bordo realizado pelos educandos) e anexos (fotografias retiradas de outras fontes).

O caráter prático permite que se antecipe o que se espera do educando ao concluir esta proposta. Deve-se deixar clara a necessidade do olhar sistêmico ao considerar aspectos físicos e humanos na abordagem. Assim sendo, a omissão de fatores levantados como possíveis influenciadores na paisagem faz com que se perca o real significado da atividade.

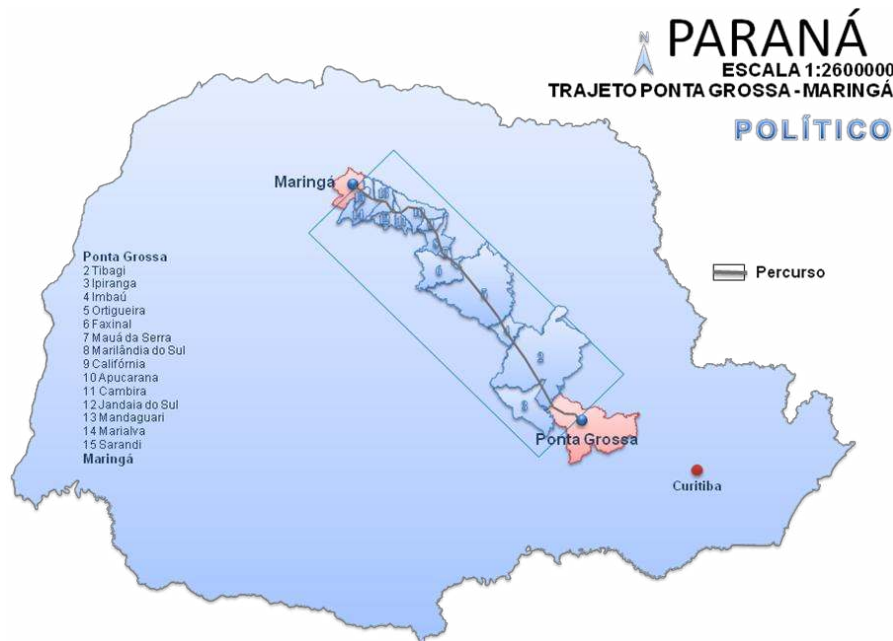
Segue, na próxima seção, um exemplo de análise subjetiva da paisagem, tendo como base a abordagem sistêmica¹.

DO RECORTE ESPACIAL À CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM ATRAVÉS DA SUBJETIVIDADE DO OLHAR DO EDUCANDO-PESQUISADOR

Nesta proposta o ponto de partida é o município de Ponta Grossa, realizando o trajeto em sua maior parte pela rodovia federal BR376 até chegar ao destino, o município de Maringá, no estado do Paraná (Cartograma 1).

¹ Síntese realizada pelo autor. Utilizou-se de vários *softwares* na organização dos cartogramas, ocultando-se neste trabalho as fotografias, porém sugere-se que deva ser utilizado pelas potencialidades deste recurso.

Cartograma 1 – Organização política dos municípios do percurso. Org.: Pereira (2010).



Nesse percurso, serão contemplados o segundo e o terceiro planaltos paranaenses. Porém, para que a análise seja feita de maneira satisfatória é preciso que se compreenda o relevo paranaense em sua totalidade. Pode-se perceber que o relevo paranaense é caracterizado basicamente por planaltos, apresentando poucas planícies. As principais unidades do relevo paranaense, de leste para oeste são:

a) planície litorânea, com altitudes inferiores a 200m, se estende do Oceano Atlântico até a Serra do Mar (tendo como destaque o Pico do Paraná, ponto culminante do Estado);

b) primeiro planalto ou planalto de Curitiba, da Serra do Mar até a “Serrinha”, em São Luis do Purunã, apresentando altitudes entre 850m e 950m;

c) segundo planalto, depressão periférica ou planalto dos Campos Gerais, que apresenta altitudes entre 600m a 800m, estendendo-se até a Serra Geral (conhecida popularmente como Serra do Cadeado ou Serra da Esperança);

d) terceiro planalto, planalto de Guarapuava ou planalto arenítico-basáltico, apresentando altitudes entre 300 e 600m, é o maior em extensão, se estende até o Paraguai.

No recorte definido para este estudo, além de Ponta Grossa, no segundo planalto paranaense se apresentam os seguintes municípios: Tibagi, Ipiranga, Imbaú e Ortigueira. O destaque em termos de território fica por conta de Tibagi e Ortigueira, tendo em vista que são os maiores em extensão e, sendo Ortigueira o maior produtor de mel do estado do Paraná.

Destacam-se no recorte os rios Tibagi, Ivaí e das Cinzas (Cartograma 2), sendo o Tibagi, um dos maiores rios do estado.

Cartograma 2 – Relevo paranaense, destacando os principais rios do recorte. Org.: Pereira (2010).



O nome do município de Tibagi é devido ao rio *Tybagy*, rio “da parada, do pouso” em referência ao Caminho das Tropas, que partia de Viamão até chegar a Sorocaba. Era o ponto de parada para o descanso do gado e do tropeiro, que o atravessa e deságua no rio Paranapanema. Foi um dos primeiros lugares do Brasil a ter sido descoberto o potencial na extração de diamantes², tendo se destacado até o início do século XX como uma das regiões mais propícias para a extração desse mineral. Com a queda nessa produção e o passar do tempo, suas atividades econômicas se voltaram para a agricultura e a área turística, aproveitando-se do fato de ser uma das cidades mais antigas do estado. Destaca-se na região o cânion Guartelá, que também apresenta grande potencial turístico e educativo.

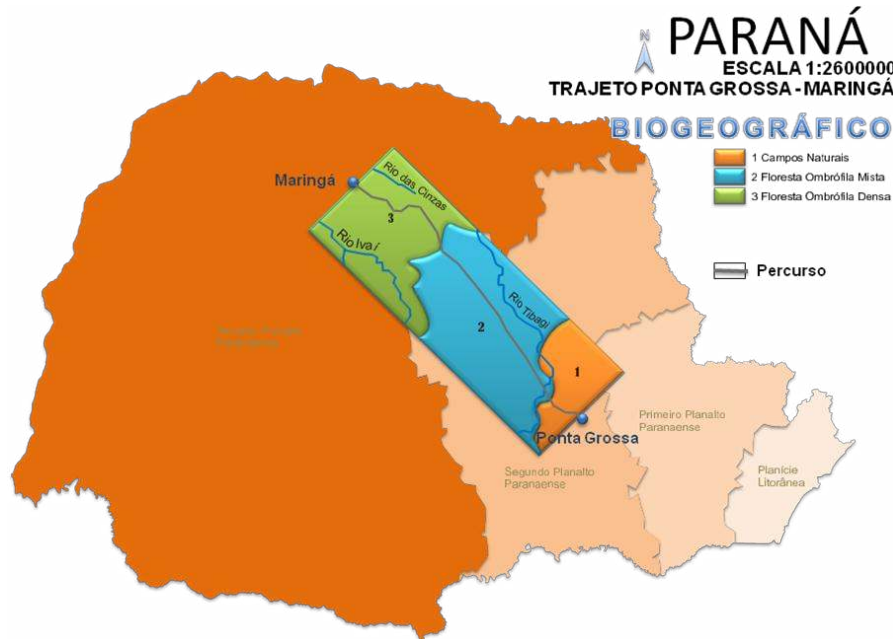
A partir do alto da Serra Geral e em ordem de localização, atravessam-se os municípios de Faxinal, Mauá da Serra, Marilândia do Sul, Califórnia, Apucarana, Cambira, Jandaia do Sul, Mandaguari, Marialva, Sarandi, até chegar a Maringá.

Com exceção de Apucarana que se destaca como um pólo industrial, os demais municípios têm na agricultura suas bases econômicas. Já Maringá se consolida pela diversificação de atividades, além de sediar uma das universidades públicas do estado, a Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O tipo de vegetação do recorte pesquisado é diretamente relacionado à geologia, geomorfologia, temperatura, pluviosidade e relevo paranaenses, pois possui em diversos lugares aspectos endêmicos. Em sua gênese, os campos naturais que cercam Ponta Grossa e a região dos Campos Gerais, estendem-se à faixa de transição que irá dar lugar a Floresta Ombrófila Mista, no início do 3º planalto, quando, daí em diante inicia-se a Floresta Ombrófila Densa. Porém, o que se observa na atualidade é um sem número de reflorestamento com tipos exóticos. Assim, áreas onde predominavam as florestas foram transformadas em reflorestamentos, regiões agrícolas e em fazendas de criação de gado, descaracterizando, portanto, as formações vegetais originais (Cartograma 3).

² O diamante apresenta dureza 10 na escala de Mohs, ou seja, não pode ser riscado por nenhum outro mineral. É o mais valioso dos minerais.

Cartograma 3 – Representação das formações vegetais originais do percurso. Org.: Pereira (2010).



A geologia é composta de formações do paleozóico (segundo planalto paranaense) e do mesozóico (terceiro planalto paranaense).

O segundo planalto apresenta solos sedimentares antigos formados pela decomposição de arenitos e de folhelhos enquanto o terceiro planalto apresenta solos de origem eruptiva formando a chamada “terra rocha”.

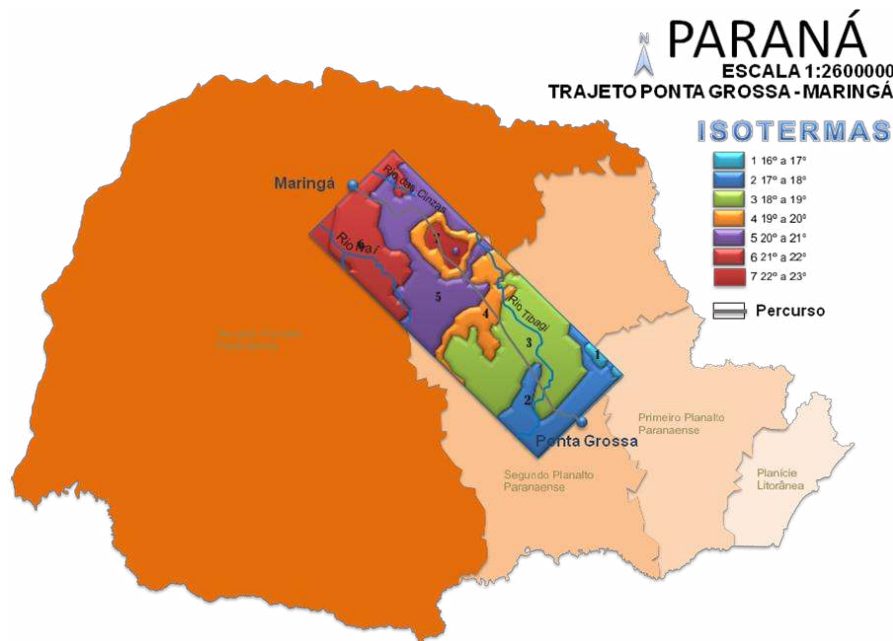
O declive existente no reverso da escarpa já no terceiro planalto paranaense, atrelado ao derrame basáltico ocorrido no jurássico/triássico proporciona na região de Maringá e em praticamente todo o noroeste paranaense solos profundos e férteis diferenciando-se da região dos Campos Gerais, onde os solos são mais rasos e menos férteis. Devido a essa dificuldade, na região dos Campos Gerais, foi desenvolvida a técnica do plantio direto, tendo o modelo sido exportado para diversos países.

Pode se considerar três tipos de clima no recorte pesquisado, subdividindo-os em duas classificações: Cfa e Cfb³.

No Paraná, no clima Cfb, a temperatura dos meses mais quentes é inferior a 22°C e nos meses mais frios inferior a 18°, sendo propícia a ocorrência de neve. O clima Cfa permite temperatura acima dos 22° nos meses mais quentes e inferior a 18° nos meses mais frios. A adaptação foi o fator preponderante tanto para determinação da flora quanto da fauna da região, o mesmo servindo aos elementos humanos que se estabeleceram na região.

³ De acordo com a classificação de Koppen, Cfa é o clima subtropical úmido que apresenta verões quentes e geadas raras e o Cfb é o clima subtropical úmido com verões brandos e geadas frequentes. O clima Cfa é o que predomina na maior parte do estado do Paraná. Estes tipos de clima permitem em sua área de abrangência a ocorrência de estações do ano bem definidas.

Cartograma 4 – Clima do percurso. Org.: Pereira (2010).



Todo esse conjunto de fatores interfere diretamente na morfologia e dinâmica do espaço geográfico e também sofre interferência na mesma proporção, pois eles mesmos constituem a “paisagem” local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância integradora da atividade prática de campo no ensino de Geografia é de se refletir sobre a necessidade desse tipo de trabalho, na medida em que se apresenta como um dos mais importantes instrumentos na apreensão dos diversos conceitos que fazem parte da ciência geográfica.

Dessa forma é importante a conscientização sobre a ação do professor, atentando-se para a utilização de princípios morais e éticos condizentes de sua profissão. Pois, como dizia Paulo Freire (1996, p. 108), “daí, então, que uma [das] preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser ou o que realmente estou sendo”.

Assim, durante todo o desenvolvimento da proposta é importante a tomada de decisões que levem a uma maior compreensão do processo de ensino e aprendizagem, sempre respeitando os objetivos pedagógicos do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEROUTCHACHVILI, N.; BERTRAND, G. Le Géosystème ou “système territorial naturel”. **Rev. Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest**, v. 49, n. 2, p. 167-180, 1978.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Cadernos de Ciências da Terra**, São Paulo, n. 13, 1971.

_____. La géographie phisique contre la nature? **Géodoc**, Institut de Géographie de Toulouse-Le Mirail, 1978.

BOLÓS, M. (Org.). **Manual de ciência del paisaje**: teoria, métodos y aplicaciones. Barcelona: Masson, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

HORNES, K. L. **A paisagem e o potencial turístico no município de Tibagi**: a Fazenda Santa Lúcia do Cercadinho – um estudo de caso (PR). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

JUSTEN, R.; CARNEIRO, C. D. R. Importância dos trabalhos de campo na disciplina Geografia: um olhar sobre a prática escolar em Ponta Grossa (PR) In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10. **Anais...** Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <http://www.agb.org.br/xenpeg/> >. Acesso em: 18 dez. 2009.

PASSOS, M. M. D. **Biogeografia e paisagem**. 2. ed. Maringá: UEM, 2003.

SCORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. B. M. Trabalhos de campo na disciplina de geologia introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. **Terra Didática**, v. 1, n. 1, p. 36-43, 2005. Disponível em: < <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/> >. Acesso em: 13 jun. 2010.

SOTCHAVA, V. B. L'étude des géosystèmes: stade actuel de la géographie physique complexe. **Izvestija Akademii Nauk SSSR, Serija geograficeskaja**, n. 3, p. 18-21, 1972. (Traduction française por Cl. Rondeau, CNRS. Centre de Documentation et de la Cartographie géographique, Paris.)

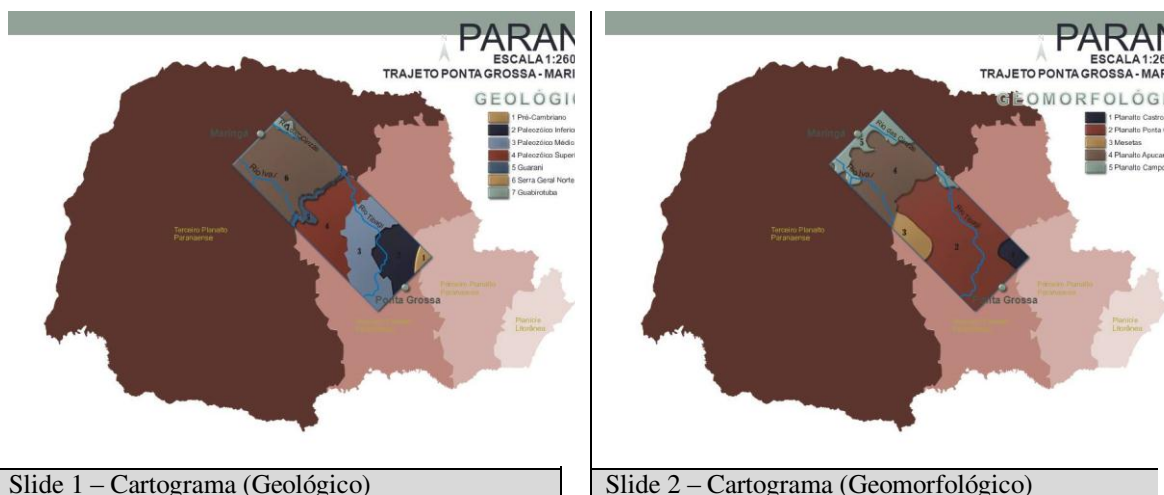
_____. Por uma teoria de classificação de geossistemas de vida terrestre. **Biogeografia**, São Paulo, v. 14, p. 1-24, 1978.

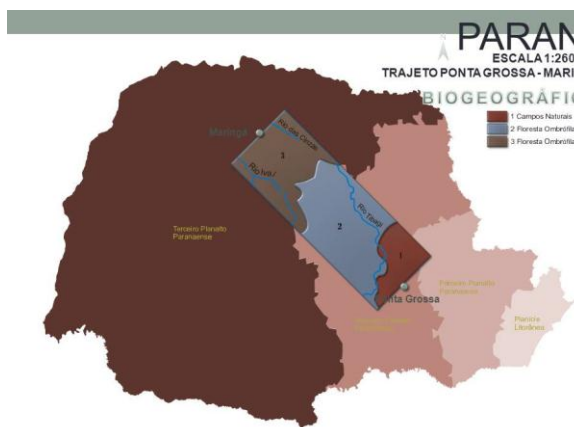
SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2002.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

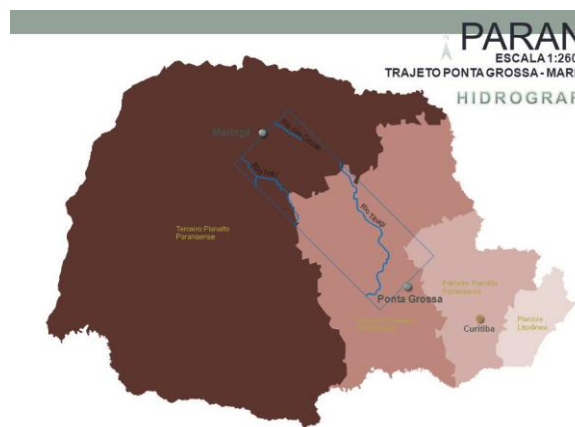
APÊNDICE – Cartogramas temáticos

Sugestões de cartogramas do trajeto a serem elaborados. Este recurso auxilia na análise e interpretação, já que é a base para a construção do olhar geográfico para a paisagem.

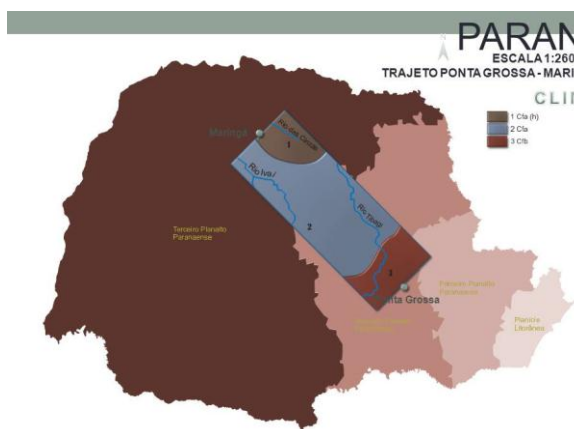




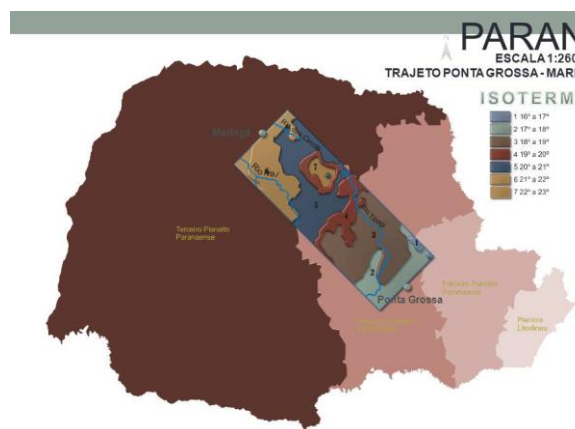
Slide 3 – Cartograma (Biogeográfico)



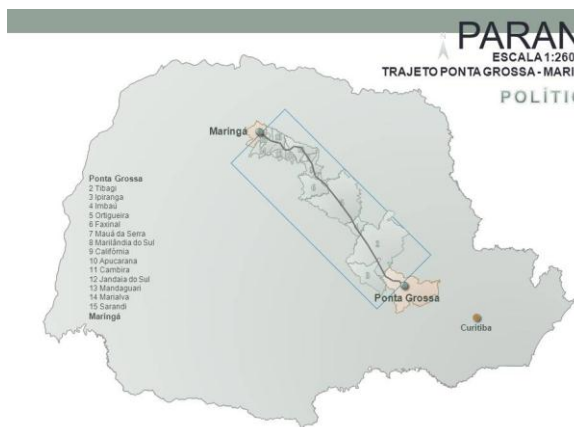
Slide 4 – Cartograma (Hidrografia)



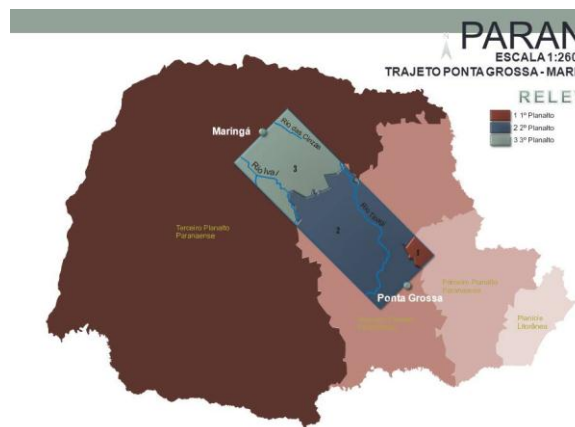
Slide 5 – Cartograma (Clima)



Slide 6 – Cartograma (Isotermas)



Slide 7 – Cartograma (Político)



Slide 8 – Cartograma (Relevo)

Trabalho enviado em Novembro de 2011
Trabalho aceito em Dezembro de 2011